

CONSCIÊNCIA METALINGÜÍSTICA NA ESCRITA DE VERBOS POR SURDOS PÓS-GRADUANDOS

METALINGUISTIC AWARENESS IN VERB WRITING BY DEAF GRADUATE STUDENTS

*CONCIENCIA METALINGÜÍSTICA EN LA ESCRITURA DE VERBOS POR ESTUDIANTES SORDOS DE
POSGRADO*

Marceli Lucia Paveglio Romeu

Universidade Federal do Pampa, Brasil
Mestra em Educação

Adriano de Oliveira Gianotto

Universidade Católica Dom Bosco, Brasil
Doutor em Desenvolvimento Local

Hannah Araújo Rosendo

Universidade Federal do Sul da Bahia, Brasil
Mestra em Biosistemas

Débora Gonçalves Ribeiro Dias

Universidade Federal de São Carlos, Brasil
Doutora em Educação Especial

Katiuscia da Silva Avila

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil
Mestrando em Letras

Giovana Cristina de Campos Bezerra

Universidade Federal do Pará, Brasil
Doutoranda em Estudos Linguísticos e Estudos Literários

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i3.556>

Publicado em: 07.03.2026

Resumo: Este artigo analisa a consciência metalingüística na escrita de verbos por surdos pós-graduandos, considerando o bilinguismo Libras-português escrito como segunda língua. Examina-se como a transposição entre modalidades linguísticas distintas — visual-espacial e oral-auditiva — gera fenômenos interlinguais na morfologia verbal, especialmente flexão temporal, concordância e uso do infinitivo. Por meio de revisão teórica abrangente e análise contrastiva, identificam-se níveis progressivos de controle metalingüístico na produção e retextualização textual, revelando competências reflexivas avançadas nesses sujeitos. Conclui-se que práticas pedagógicas bilíngues devem priorizar atividades contrastivas e reflexivas para otimizar o desenvolvimento da escrita verbal acadêmica, contribuindo para políticas educacionais inclusivas no ensino superior.

Palavras-chave: Consciência Metalingüística; Escrita de Surdos; Morfologia Verbal; Bilinguismo Libras-Português; Retextualização.

Abstract: This article analyzes metalinguistic awareness in verb writing by deaf postgraduates, considering Libras-Portuguese written bilingualism as a second language. It examines how transposition between distinct linguistic modalities — visual-spatial and oral-auditory — generates interlanguage phenomena in verbal morphology, particularly temporal flexion, agreement, and infinitive use. Through comprehensive theoretical review and contrastive analysis, progressive levels of metalinguistic control are identified in text production and retextualization, revealing advanced reflexive competencies in these subjects. It is concluded that bilingual pedagogical practices should prioritize contrastive and reflexive activities to optimize academic verbal writing development, contributing to inclusive higher education policies.

Keywords: Metalinguistic Awareness; Deaf Writing; Verbal Morphology; Libras-Portuguese Bilingualism; Retextualization.

Resumen: Este artículo analiza la conciencia metalingüística en la escritura de verbos por sordos posgraduandos, considerando el bilingüismo Libras-portugués escrito como segunda lengua. Se examina cómo la transposición entre modalidades lingüísticas distintas — visual-espacial y oral-auditiva — genera fenómenos interlingüísticos en la morfología verbal, especialmente flexión temporal, concordancia y uso del infinitivo. Mediante revisión teórica abarcadora y análisis contrastivo, se identifican niveles progresivos de control metalingüístico en la producción y retextualización textual, revelando competencias reflexivas avanzadas en estos sujetos. Se concluye que prácticas pedagógicas bilingües deben priorizar actividades contrastivas y reflexivas para optimizar el desarrollo de la escritura verbal académica, contribuyendo a políticas educativas inclusivas en la educación superior.

Palabras clave: Conciencia Metalingüística; Escritura de Sordos; Morfología Verbal; Bilingüismo Libras-Portugués; Retextualización.

Introdução

A produção escrita constitui um dos maiores desafios enfrentados por sujeitos surdos no contexto acadêmico, sobretudo quando a língua portuguesa ocupa o espaço de segunda língua (L2) mediada pela Libras como primeira língua (L1). A articulação entre essas duas línguas, pertencentes a modalidades distintas — visual-espacial e oral-auditiva —, impõe um processo de transposição cognitiva e linguística que envolve, inevitavelmente, o desenvolvimento da consciência metalinguística. Essa consciência, entendida como a capacidade de refletir deliberadamente sobre as formas e estruturas da linguagem, é condição essencial para que o escritor surdo consiga operar sobre o sistema linguístico do português na modalidade escrita, controlando intencionalmente elementos formais como o verbo, cuja complexidade morfológica e sintática demanda domínio de estruturas abstratas e gramaticalmente condicionadas (Gombert, 1992; Morais, 1994).

A escrita, enquanto prática social e cognitiva, não se reduz à mera decodificação de regras gramaticais, mas reflete níveis de consciência linguística que emergem do contato e da interação

com diferentes sistemas simbólicos (Vygotsky, 2001). No caso do sujeito surdo, tal interação assume contornos específicos, uma vez que sua relação com a língua portuguesa é mediada por uma experiência sensorial e cultural distinta daquela de sujeitos ouvintes (Quadros; Karnopp, 2004). A escrita de verbos, em particular, torna-se um campo de análise privilegiado para observar o grau de consciência metalinguística, já que o verbo é o núcleo organizador da oração e carrega marcas de tempo, aspecto, modo e concordância, variáveis que exigem alto grau de abstração e distanciamento consciente do uso natural da língua (Bechara, 2015).

A consciência metalinguística, segundo Gombert (1992), não é uma habilidade inata, mas um processo de desenvolvimento progressivo que se aperfeiçoa conforme o indivíduo reflete sobre o próprio funcionamento do sistema linguístico. Em sujeitos adultos surdos, especialmente na pós-graduação, essa consciência tende a se manifestar de modo diferenciado, pois é alimentada pela convivência acadêmica, pela leitura de textos formais e científicos e pelo uso sistemático da escrita em contextos institucionais. Trata-se, portanto, de um público que, apesar de desafios linguísticos persistentes, demonstra elevada capacidade de reflexão sobre a língua e sobre os mecanismos de estruturação textual. As produções escritas desses estudantes frequentemente revelam elementos de controle metalinguístico, perceptíveis tanto nas escolhas lexicais quanto nas tentativas de adequação morfossintática do verbo ao contexto enunciativo (Fernandes, 2012; Perlin; Strobel, 2006).

Estudos sobre a escrita de surdos indicam que as dificuldades com a flexão verbal em português decorrem menos de uma simples “defasagem linguística” e mais de uma divergência de natureza estrutural entre Libras e português (Quadros, 2006). Enquanto a língua de sinais organiza-se espacial e simultaneamente, o português escrito exige linearidade, segmentação e marcação explícita de tempo verbal — aspectos ausentes no sistema de referência da L1 do surdo. A tradução entre tais estruturas não é direta; demanda um nível de monitoramento metalinguístico que ultrapassa o conhecimento intuitivo. Assim, o domínio da escrita de verbos é indicativo de um estágio avançado de consciência linguística, que reflete tanto a internalização das regras da L2 quanto a percepção crítica da diferença entre as línguas (Costa, 2014).

Ao longo da trajetória acadêmica, o estudante surdo é frequentemente exposto a contextos em que precisa adaptar sua escrita às exigências formais do discurso científico. Esse movimento implica desenvolver um olhar reflexivo sobre as particularidades da gramática do português, ampliando o controle sobre categorias verbais e suas funções discursivas. O verbo, nesse âmbito, não apenas organiza a estrutura sintática, mas expressa também as relações de temporalidade e causalidade que conferem coerência ao texto. A habilidade de empregar adequadamente as formas verbais — considerando tempo, aspecto e modo — constitui manifestação concreta da consciência metalinguística, uma vez que envolve o distanciamento entre forma e significado e a possibilidade de manipular tais recursos para construir efeitos de sentido (Morais, 1994; Karmiloff-Smith, 1997).

A reflexão sobre a própria linguagem é especialmente relevante na escrita acadêmica, na qual a objetividade e a formalidade exigem escolhas linguísticas conscientes e controladas. Pós-graduandos surdos que dominam o português escrito demonstram um raciocínio metalinguístico apurado, pois são capazes de revisar, retextualizar e ajustar suas produções com base em critérios linguísticos e discursivos. Esse processo não se restringe à correção gramatical, mas envolve um raciocínio analítico sobre a funcionalidade da língua em seus diferentes contextos de uso (Fernandes; Moreira, 2020). A consciência metalinguística, portanto, atua como um eixo de articulação entre o saber linguístico e o saber científico.

Além disso, compreender como a consciência metalinguística se manifesta na escrita de verbos por surdos pós-graduandos tem implicações diretas para o campo da formação docente e das práticas pedagógicas bilíngues. Ao reconhecer as estratégias que esses sujeitos utilizam para organizar e refletir sobre a língua, é possível construir abordagens didáticas mais responsivas e fundamentadas nas especificidades cognitivas e linguísticas da comunidade surda. O ensino de verbos deve, assim, transitar do nível descritivo para o analítico, valorizando o processo de reflexão e não apenas o produto final. Essa perspectiva rompe com a visão patologizante da surdez e se alinha à concepção sociocultural de linguagem, que entende a escrita como uma prática situada e mediada (Bortoni-Ricardo, 2004; Freitas, 2018).

Nesse sentido, investigar a consciência metalinguística na escrita verbal de surdos pós-graduandos significa também compreender a constituição de sujeitos bilíngues que elaboram um discurso reflexivo sobre a própria língua. A escrita acadêmica torna-se, então, mais do que um instrumento avaliativo: converte-se em um espaço de emancipação cognitiva e identitária, onde o surdo ressignifica o português como uma língua de expressão científica e social. Portanto, o estudo das formas verbais inscritas nas produções desses estudantes ilumina aspectos da interrelação entre linguística aplicada, educação bilíngue e políticas de inclusão no ensino superior, consolidando o papel da consciência metalinguística como eixo central da competência escrita e da autonomia discursiva (Skliar, 2016; Perlin, 2018).

Referencial teórico

Consciência linguística e escrita em segunda língua

A consciência linguística constitui um constructo teórico central nos estudos sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem, especialmente quando se considera a escrita como segunda língua (L2) em contextos bilíngues. Definida como a capacidade de refletir sobre as propriedades formais e funcionais do sistema linguístico, essa consciência abrange dimensões fonológica, ortográfica, morfológica, sintática e pragmática, permitindo ao sujeito operar um controle deliberado sobre a língua (Gombert, 1992, p. 45). No caso de sujeitos surdos, cuja primeira língua é a Libras (L1), a escrita em português como L2 demanda um nível elevado de reflexão metalinguística, uma vez que exige a transposição de estruturas linguísticas pertencentes a modalidades sensoriais distintas.

A escrita em L2 não se resume à memorização de regras gramaticais, mas envolve processos cognitivos complexos de monitoramento e autorregulação linguística (Morais, 1994, p. 112). A consciência linguística funciona como um mecanismo de mediação que permite ao aprendiz identificar discrepâncias entre o sistema da L1 e o da L2, ajustando progressivamente suas produções escritas às normas da língua-alvo. Em sujeitos surdos, esse processo é particularmente desafiador devido à ausência de experiência fonológica direta com o português, o que torna a consciência ortográfica e morfológica ainda mais dependente da reflexão visual e conceitual sobre a escrita (Quadros; Karnopp, 2004, p. 78).

A teoria do desenvolvimento metalinguístico de Gombert (1992) oferece um arcabouço analítico robusto para compreender esses fenômenos. O autor distingue cinco níveis progressivos de consciência linguística — implícito, perceptivo, atenção seletiva, controle e reflexão explícita —, nos quais o sujeito evolui de um uso intuitivo da língua para uma manipulação consciente e crítica de suas estruturas. Para surdos aprendizes de L2 escrita, o nível de controle é especialmente relevante, pois é nesse estágio que se manifesta a capacidade de corrigir e reestruturar produções verbais e sintáticas conforme as exigências do gênero textual:

A consciência metalinguística não é um estado estático, mas um processo dinâmico de construção cognitiva que permite ao sujeito apropriar-se das regularidades do sistema linguístico e utilizá-las como ferramentas de análise e produção. [...] Em aprendizes de segunda língua, esse desenvolvimento é acelerado pela necessidade de confrontar sistemas linguísticos distintos, gerando um efeito de contraste que estimula a reflexão deliberada sobre as diferenças estruturais (Gombert, 1992, p. 89-90).

Essa perspectiva destaca como o bilinguismo surdo-ouvinte pode funcionar como catalisador da consciência linguística, uma vez que a comparação entre Libras e português escrito força o sujeito a explicitar regras e padrões que, em contextos monolíngues, permanecem implícitos.

Estudos sobre aquisição de L2 escrita em populações surdas reforçam essa concepção. Fernandes (2012), analisando produções textuais de estudantes surdos universitários, identificou que a maior parte das dificuldades com morfologia verbal decorre da falta de consciência explícita sobre as marcações de tempo e concordância no português, inexistentes na gramática da Libras (Fernandes, 2012, p. 156). A autora argumenta que intervenções pedagógicas devem priorizar atividades de reflexão metalinguística, como a comparação contrastiva entre línguas, para desenvolver o controle sobre categorias gramaticais complexas.

A perspectiva sociocultural de Vygotsky (2001) complementa essa análise, enfatizando o papel da mediação semiótica na apropriação da escrita em L2. A escrita não é um processo individual, mas mediado por interações sociais e instrumentos culturais — no caso dos surdos, a própria Libras atua como ferramenta de mediação para a construção da consciência linguística em português (Vygotsky, 2001, p. 167). Essa mediação é particularmente evidente na retextualização, quando o sujeito surdo revisa suas produções escritas, identificando e corrigindo inadequações sintáticas com base em critérios metalinguísticos internalizados.

Pesquisas mais recentes sobre consciência linguística em contextos bilíngues surdos têm se concentrado na interface entre morfologia e sintaxe. Perlin e Strobel (2006) demonstraram que estudantes surdos em níveis avançados de escolaridade exibem maior controle metalinguístico sobre o verbo quando expostos a tarefas de reformulação textual, revelando um raciocínio analítico sobre tempo verbal e concordância nominal (Perlin; Strobel, 2006, p. 203). Tal achado sugere que a consciência linguística não é estática, mas se desenvolve conforme a complexidade das demandas acadêmicas.

A consciência ortográfica, dimensão essencial da escrita em L2, também merece destaque. Morais (1994) postula que a alfabetização em L2 para surdos depende de uma consciência explícita das relações grafema-fonema, ainda que mediada por estratégias visuais e mnemônicas específicas da modalidade gestual (Morais, 1994, p. 134). Essa consciência permite ao surdo não apenas decodificar o sistema escrito, mas também operar sobre ele de maneira reflexiva, ajustando formas verbais às convenções do português normativo.

A teoria da gramaticalização progressiva de Karmiloff-Smith (1997) oferece uma explicação cognitiva para esses processos. Segundo a autora, o desenvolvimento da consciência linguística ocorre por meio da internalização inicial de regras procedurais (implícitas), seguida de sua explicitização por meio da reflexão metalinguística:

Crianças e adultos aprendizes de L2 passam por um processo de 're-descobrimto' das regras gramaticais, no qual a linguagem deixa de ser um sistema automático para tornar-se objeto de análise consciente. Esse movimento é particularmente pronunciado em situações de bilinguismo assimétrico, como o surdo-ouvinte, onde a confrontação entre sistemas linguísticos distintos força a emergência de representações metalinguísticas (Karmiloff-Smith, 1997, p. 192-193).

No contexto da escrita acadêmica, essa gramaticalização consciente manifesta-se na capacidade de produzir textos coerentes e coesos, com verbos adequadamente flexionados e contextualizados.

A escrita em segunda língua por surdos também revela questões identitárias e culturais. Skliar (2016) argumenta que a imposição do português escrito como língua única no ensino superior desconsidera a bilinguidade como recurso cognitivo, inibindo o desenvolvimento pleno da consciência linguística (Skliar, 2016, p. 45). Políticas educacionais bilíngues, por outro lado, valorizam a Libras como base para a reflexão sobre o português, promovendo uma consciência linguística mais integrada e emancipatória.

A consciência linguística na escrita em L2 constitui um fenômeno complexo que integra processos cognitivos, sociais e culturais. Para sujeitos surdos, representa não apenas um instrumento de domínio da língua-alvo, mas também um espaço de resistência e resignificação identitária, no qual a reflexão deliberada sobre estruturas linguísticas — especialmente o verbo — emerge como índice de desenvolvimento metalinguístico avançado.

O verbo na escrita de surdos

O verbo constitui o núcleo sintático e semântico da oração, carregando informações essenciais sobre tempo, aspecto, modo, voz e concordância, elementos que demandam elevado grau de abstração linguística para seu domínio pleno na modalidade escrita (Bechara, 2015, p. 234). Para sujeitos surdos, cuja experiência linguística primária ocorre na Libras — uma língua gestual com gramática simultânea e icônica —, a apropriação da morfologia verbal do português como segunda língua (L2) revela particularidades que transcendem meras dificuldades ortográficas, revelando instâncias de interlíngua e processos de transferência da L1 (Selinker, 1972, p. 229; Toffolo, 2025, p. 5).

Estudos recentes sobre a escrita de verbos por surdos apontam para padrões recorrentes de inadequação morfológica, especialmente na flexão de pessoa, número e tempo verbal. Toffolo (2025), analisando produções de alunos surdos, identificou que as maiores ocorrências de desvios relacionam-se à flexão verbal inadequada e ao uso persistente do infinitivo ou locuções verbais, fenômenos atribuídos à ausência de experiência fonológica prévia com o português e à estrutura não linear da Libras:

O aprendizado da morfologia verbal da língua portuguesa (LP) como segunda língua por surdos tem sido apontado como um dos grandes desafios na apropriação da escrita. [...] As maiores ocorrências relacionadas à escrita inadequada de verbos foram relativas às dificuldades na flexão verbal de pessoa e tempo e ao uso de verbos no infinitivo e de locuções verbais. Algumas hipóteses que podem justificar tais dificuldades foram levantadas, e apresentaram-se três questões que repercutem na escrita dos alunos surdos: 1) a ausência de uma primeira experiência oral com a LP; 2) a influência da estrutura morfológica da Libras; 3) a falta de reflexão metalinguística sobre o sistema verbal do português (Toffolo, 2025, p. 3-4).

Essa análise corrobora achados anteriores, como os de Perlin e Strobel (2006), que observaram em corpora de surdos universitários a predominância do presente do indicativo em contextos que demandariam pretérito, refletindo uma marcação temporal simplificada influenciada pela iconicidade da Libras (Perlin; Strobel, 2006, p. 210).

A categoria tempo verbal na escrita de surdos sinalizantes tem sido objeto de investigação funcionalista. Silva (2023), em análise de narrativas e dissertações produzidas por graduandos surdos em Letras-Libras, mapeou 239 ocorrências verbais, constatando predominância do presente (49%) sobre o pretérito (37%), com o infinitivo representando apenas 9% — um índice surpreendentemente baixo, sugerindo avanço na interlíngua:

Nas cláusulas-figura e nas cláusulas com alta transitividade, o pretérito perfeito predominou nos textos narrativos, enquanto o presente simples prevaleceu nos dissertativos. [...] O infinitivo, forma nominal que geralmente aparece nas produções textuais em Português de alunos surdos sinalizantes por aproximar-se da codificação verbal em Libras, representou apenas 9% das ocorrências, fato que implica que os alunos observados podem estar em um bom nível de interlíngua (Silva, 2023, p. 15-16).

Tais padrões indicam que o verbo na escrita surda não segue uma linearidade temporal rígida, mas adapta-se às demandas discursivas de figura-fundo (Hopper; Thompson, 1980, p. 25), com o presente atuando como tempo narrativo padrão por sua maior iconicidade visual.

A influência da Libras na morfologia verbal é evidente na transferência de estruturas simultâneas para a linearidade escrita. Santos (s.d.), examinando marcas da Libras na escrita de surdos, identificou que a ausência de flexões explícitas na língua de sinais — onde tempo e aspecto são codificados por modificadores não morfológicos — resulta em produções com verbos no infinitivo ou particípio, como “Joana ajuda Libras” em vez de “Joana ajudava com Libras” (Santos, s.d., p. 45). Essa hipótese é reforçada por Quadros e Karnopp (2004), que descrevem a Libras como sistema sem marcação temporal obrigatória no tronco verbal (Quadros; Karnopp, 2004, p. 112).

A consciência morfológica emerge como fator mediador nesse processo. Barbosa (2022) postula que a reflexão sobre unidades morfológicas — prefixos, sufixos e raízes verbais — é crucial para surdos, pois compensa a falta de input oral, promovendo o controle sobre flexões (Barbosa, 2022, p. 8). Rocha-Toffolo (2022) complementa, defendendo que atividades metalinguísticas explícitas sobre morfologia verbal facilitam a transferência de habilidades da Libras para o português escrito (Rocha-Toffolo, 2022, p. 12).

Na perspectiva generativista, a escrita verbal de surdos reflete estágios de aquisição de L2, com fossilização de formas infinitivas como traço de interlíngua (Selinker, 1972, p. 214). Fernandes (2012) observa que pós-graduandos surdos exibem maior controle sobre concordância verbal em textos acadêmicos, atribuindo isso à exposição prolongada à leitura formal (Fernandes, 2012, p. 167).

A transitividade verbal também influencia essas produções. Silva (2023) verificou que em cláusulas de alta transitividade, o pretérito marca eventos figura, enquanto em fundos discursivos predomina o presente — padrão que alinha-se à funcionalidade da Libras, onde iconicidade prevalece sobre gramaticalidade temporal rígida (Silva, 2023, p. 18).

Fatores extralinguísticos modulam esses padrões: aquisição precoce da Libras, sinalização parental e educação bilíngue correlacionam-se com melhor marcação verbal, embora não deterministicamente (Finau, 2008, p. 56; Quadros, 2007, p. 34). No ensino superior, a escrita verbal de surdos pós-graduandos demonstra maturação interlingual, com redução do infinitivo e maior variação temporal, sinalizando consciência metalinguística avançada (Toffolo, 2025, p. 7).

A análise do verbo na escrita surda ilumina a tensão entre sistemas linguísticos assimétricos, onde a reflexão deliberada sobre morfologia verbal constitui ponte para a proficiência em L2. Tais insights subsidiam práticas pedagógicas que valorizem a bilinguidade como recurso cognitivo, promovendo o desenvolvimento de uma gramática verbal consciente e funcional.

Aspectos metalinguísticos na retextualização

A retextualização constitui um processo discursivo complexo no qual o sujeito opera uma reformulação consciente de seu texto inicial, ajustando-o às normas linguísticas, genéricas e comunicativas da língua-alvo (Marcuschi, 2008, p. 167). Para sujeitos surdos, esse processo revela de modo privilegiado a consciência metalinguística, pois envolve reflexão deliberada sobre desvios morfosintáticos — especialmente verbais —, monitoramento de coerência e adequação pragmática entre a estrutura da Libras e o português escrito como L2 (Ferreira; Silva, 2022, p. 5). A retextualização não é mera correção, mas uma atividade metacognitiva que evidencia níveis de controle linguístico (Gombert, 1992, p. 112).

Na perspectiva vygotskiana, a retextualização surge como zona de desenvolvimento proximal, mediada por interações dialógicas ou auto-regulação metalinguística (Vygotsky, 2001, p. 189). Estudos com surdos demonstram que, após produção inicial marcada por transferências da Libras — como verbos no infinitivo ou topicalização espacial —, a revisão textual ativa processos de distanciamento reflexivo, permitindo aproximação ao padrão normativo (Silva; Mendes, 2022, p. 12). Tal fenômeno é particularmente evidente em pós-graduandos, cuja exposição acadêmica amplifica a capacidade de autoavaliação linguística.

A retextualização para Libras de textos em português por graduandos surdos tem sido analisada como operação contrastiva. Santos e Quadros (2018) examinam esse processo em 20 sujeitos, identificando desafios na linearização sintática e na marcação temporal verbal, mas destacando avanços metalinguísticos na reformulação:

O objetivo deste trabalho é discutir sobre o processo de retextualização para Língua Brasileira de Sinais (Libras) de textos escritos em português por graduandos surdos. Para tanto, foram selecionados 20 textos produzidos por alunos surdos do curso de Letras/Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. [...] Os resultados mostram que os alunos surdos realizam mudanças significativas em seus textos, especialmente no que tange à organização sintática e à coesão textual, demonstrando consciência metalinguística sobre as diferenças modais entre as línguas (Santos; Quadros, 2018, p. 495-496).

Essas mudanças incluem reordenação de constituintes verbais e inserção de marcadores aspectuais, refletindo reflexão sobre iconicidade libras versus linearidade portuguesa.

Quadro 1 – Níveis de consciência metalinguística na retextualização de surdos (adaptado de Gombert, 1992, p. 90)

NÍVEL	DESCRIÇÃO NA RETEXTUALIZAÇÃO VERBAL	EXEMPLO EM ESCRITA SURDA
Perceptivo	Deteção de inadequações intuitivas (ex.: infinitivo persistente)	“Eu vai escola” → percepção de discordância
Atenção seletiva	Foco em flexões verbais específicas (tempo/pessoa)	Correção de “fala” para “falava”
Controle	Manipulação deliberada de morfologia verbal	Inserção de pretérito em narrativas
Reflexão explícita	Explicitação de regras (metacognição verbal)	Justificativa: “Mudei para passado porque...”

Fonte: Elaboração própria 2026.

A tabela ilustra a progressão observada em corpora de surdos acadêmicos, onde o controle verbal emerge como indicador maduro de metalinguística.

Tabela 1 – Frequência de alterações verbais na retextualização (dados adaptados de Toffolo, 2025, p. 6; Silva, 2023, p. 17)

TIPO DE ALTERAÇÃO VERBAL	FREQUÊNCIA INICIAL (%)	APÓS RETEXTUALIZAÇÃO (%)	GANHO METALINGUÍSTICO (%)
Flexão tempo/pessoa	45	72	+27
Infinitivo → flexionado	32	15	-17
Concordância sujeito-verbo	18	85	+67
Aspecto/modalização	5	28	+23
Total	100	200 (revisões)	+134

Fonte: Elaboração própria 2026.

Os dados evidenciam ganhos significativos em concordância, atribuídos à reflexão sobre regras gramaticais durante a revisão (Toffolo, 2025, p. 6).

Na interação dialógica, a mediação externa potencializa esses aspectos. Ferreira (2020) relata que em terapias fonoaudiológicas com surdos, a retextualização pós-leitura ativa auto-correções metalinguísticas, com ênfase em verbos: “Após a retextualização, os sujeitos surdos foram convocados a reler o texto e, caso julgassem necessário, a modificá-lo” (Ferreira, 2020, p. 4). Essa prática dialogada fomenta consciência sobre coesão verbal.

A escrita inicial de surdos carrega marcas libras, como simultaneidade verbal, que a retextualização lineariza. Lessa e Costa (2020) analisam gêneros jornalísticos produzidos por surdos, observando que a revisão reduz topicalizações libras (“Ontem, eu estudo” - “Eu estudei ontem”), demonstrando controle sintático consciente (Lessa; Costa, 2020, p. 110).

A retextualização de Libras para português escrito exige reflexão sobre simultaneidade gestual versus segmentação escrita. Silva e Ferreira (2022) documentam que revisores de

textos surdos identificam 60% das alterações em verbos como ajustes metalinguísticos para normatividade (Silva; Ferreira, 2022, p. 8).

Em contextos acadêmicos, pós-graduandos surdos exibem retextualização avançada, com explicitação de regras verbais em notas de rodapé ou anotações marginais, sinalizando reflexão explícita (Fernandes, 2012, p. 172). Tal prática alinha-se à teoria de Karmiloff-Smith (1997), onde a reescrita gramaticaliza representações procedurais em declarativas (Karmiloff-Smith, 1997, p. 210).

Desafios persistem na coesão verbal: surdos tendem a superusar conectores libras-equivalentes (“então”, “porque”), corrigidos na revisão por marcadores temporais verbais precisos (Quadros, 2018, p. 500). A educação bilíngue, ao valorizar Libras como base reflexiva, otimiza esses processos (Skliar, 2016, p. 52).

Os aspectos metalinguísticos na retextualização iluminam a agência do surdo na construção da proficiência em L2, onde a manipulação verbal durante a revisão emerge como termômetro de consciência linguística madura, com implicações para pedagogias inclusivas e formação docente.

Implicações para o ensino e a formação docente

A compreensão da consciência metalinguística na escrita verbal de surdos pós-graduandos impõe demandas específicas ao ensino de línguas e à formação docente, exigindo abordagens pedagógicas que transcendam a correção normativa para priorizar a reflexão deliberada sobre sistemas linguísticos assimétricos. A educação bilíngue, ao posicionar a Libras como L1 fundante, constitui arcabouço teórico-metodológico para intervenções que promovam o controle consciente sobre a morfologia verbal do português escrito, evitando a patologização de fenômenos interlinguais como meros “erros” (Skliar, 2016, p. 78). Tal perspectiva alinha-se à concepção vygotskiana de mediação semiótica, na qual o professor atua como agente provocador da zona de desenvolvimento proximal metalinguística (Vygotsky, 2001, p. 201).

O ensino da escrita verbal para surdos deve estruturar-se em torno de atividades contrastivas que explorem divergências estruturais entre Libras e português. Quadros e Karnopp (2004) defendem a sistematização de práticas que comparem a simultaneidade gestual — onde tempo e aspecto são modulados por parâmetros não morfológicos — com a segmentação linear do verbo escrito, promovendo consciência explícita sobre flexões ausentes na L1:

A educação bilíngue para surdos requer que o professor de português como L2 organize atividades que tornem explícitas as diferenças entre os sistemas linguísticos, particularmente no domínio verbal. [...] A comparação entre a marcação temporal na Libras, realizada por advérbios locativos e modificadores manuais, e as flexões verbais do português permite que o aluno surdo perceba a necessidade de operar mudanças procedurais em sua interlíngua, desenvolvendo controle metalinguístico sobre categorias que não possui em sua L1 (Quadros; Karnopp, 2004, p. 145-146).

Essa abordagem metodológica fomenta a transição do nível perceptivo para o controle consciente, conforme o modelo desenvolvimental de Gombert (1992, p. 95).

A formação docente em educação bilíngue deve incorporar competências metalinguísticas avançadas, capacitando professores a identificar estágios de interlíngua verbal em produções surdas e a intervir com feedback reflexivo. Fernandes (2012) enfatiza a necessidade de disciplinas específicas sobre linguística da Libras e aquisição de L2 escrita, alertando que a ausência de tal formação perpetua práticas avaliativas defasadas que desconsideram a lógica interna das produções surdas (Fernandes, 2012, p. 189). Programas de pós-graduação em educação especial e linguística aplicada são desafiados a integrar módulos práticos de análise contrastiva verbal, preparando docentes para atuar como mediadores metalinguísticos.

Intervenções pedagógicas baseadas em tarefas de retextualização emergem como estratégia privilegiada. Atividades em que surdos revisam produções iniciais sob orientação contrastiva — comparando-as com equivalentes em Libras — ativam processos de autorregulação morfológica, especialmente em tempos verbais e concordâncias (Perlin; Strobel, 2006, p. 225). Tal metodologia, ancorada na teoria da gramaticalização progressiva de Karmiloff-Smith (1997), permite que regras verbais inicialmente procedurais sejam explicitadas e manipuladas conscientemente (Karmiloff-Smith, 1997, p. 218).

A formação continuada deve enfatizar a análise de corpora autênticos de escrita surda acadêmica, desenvolvendo nos professores a capacidade de discriminar traços interlinguais de desvios fossilizados. Moraes (1994) postula que a consciência fonológica-ortográfica, ainda que mediada visualmente em surdos, pode ser induzida por tarefas metalinguísticas explícitas sobre morfemas verbais, como a decomposição de “cantavam” em {cant-+a-+m} (Moraes, 1994, p. 156). Essa prática exige que docentes sejam proficientes em linguística sincrônica da Libras, reconhecendo que a ausência de flexão verbal explícita na L1 não equivale a déficit cognitivo, mas a especificidade modal.

No âmbito da pós-graduação, práticas pedagógicas diferenciadas tornam-se imperativas. Professores orientadores devem estruturar ciclos de escrita-revisão-discussão que explorem a relação verbo-discurso, incentivando pós-graduandos surdos a justificar escolhas morfológicas em termos metalinguísticos (Fernandes; Moreira, 2020, p. 134). Seminários bilíngues, nos quais conceitos são expostos em Libras e retextualizados em português acadêmico, promovem controle sobre registro formal e variação verbal estilística.

A perspectiva crítica de Skliar (2016) desafia formações docentes tradicionais ao questionar a hegemonia do português normativo, propondo que a consciência metalinguística surda seja valorizada como competência culturalmente situada. Docentes devem ser formados para reconhecer a escrita verbal de surdos como manifestação de bilinguidade assimétrica, não como aproximação deficitária à norma ouvinte (Skliar, 2016, p. 82).

Políticas públicas de inclusão no ensino superior demandam a institucionalização desses princípios. A criação de disciplinas optativas sobre “Metalinguística verbal em contextos

bilíngues” e a oferta de tutoriais bilíngues para escrita acadêmica constituem medidas concretas para operacionalizar tais implicações. Programas de iniciação científica para surdos, com ênfase em reflexão linguística sobre produções textuais, amplificam o desenvolvimento de competências metalinguísticas avançadas (Perlin, 2018, p. 67).

A formação docente também deve abordar dimensões éticas da avaliação. Critérios avaliativos tradicionais, focados em acurácia morfológica, subestimam a funcionalidade discursiva das produções surdas, onde o verbo organiza coerência semântica mesmo com desvios formais (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 156). Rubricas avaliativas metalinguisticamente informadas, que pontuem níveis de reflexão explícita sobre escolhas verbais, alinham-se melhor às especificidades do bilinguismo surdo.

A consciência metalinguística na escrita verbal revela-se, assim, não apenas objeto de análise científica, mas vetor transformador de práticas pedagógicas e formativas. Sua incorporação ao ensino e à formação docente redefine a educação bilíngue como espaço de empoderamento cognitivo, onde o surdo pós-graduando não apenas domina o português acadêmico, mas o reelabora criticamente a partir de sua experiência linguística plena.

Conclusão

A análise da consciência metalinguística na escrita de verbos por surdos pós-graduandos revela um processo cognitivo-linguístico complexo, no qual a interação entre Libras e português escrito gera fenômenos de interlíngua que transcendem dificuldades pontuais para expressar uma bilinguidade dinâmica e funcional. Os padrões observados na flexão verbal, na marcação temporal e na retextualização demonstram que esses sujeitos não apenas apropriam-se progressivamente da morfologia do português como segunda língua, mas desenvolvem capacidades reflexivas avançadas que permitem manipular conscientemente categorias gramaticais ausentes em sua primeira língua.

A escrita verbal de surdos acadêmicos constitui, portanto, indicador privilegiado de maturação metalinguística, evidenciando transições do uso intuitivo para o controle deliberado sobre tempo, aspecto e concordância. Tais competências emergem especialmente na retextualização, quando a revisão de produções iniciais ativa processos de auto-regulação que aproximam as formas interlinguais do padrão normativo, sem abdicar da lógica estrutural da Libras.

Este estudo consolida a compreensão de que a consciência metalinguística não representa mero instrumento técnico, mas dimensão emancipatória da formação do sujeito surdo no ensino superior. A valorização desses processos reflexivos redefine práticas pedagógicas tradicionais, propondo abordagens contrastivas e dialógicas que posicionem a bilinguidade como recurso cognitivo central, não como obstáculo.

As implicações teóricas e práticas aqui delineadas subsidiam a construção de políticas educacionais mais responsivas às especificidades modais da comunidade surda, promovendo

uma educação bilíngue que integre reflexão linguística à produção acadêmica. A escrita de verbos por surdos pós-graduandos ilustra, enfim, a resiliência cognitiva dessa população, capaz de reelaborar sistemas linguísticos assimétricos em direção a uma proficiência discursiva autônoma e culturalmente situada.

Referências

- BARBOSA, F. V. **Habilidades metalinguísticas e uso de língua de sinais na educação de surdos**. Rio Grande: FURG, 2022.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor de língua materna: formação e atuação**. São Paulo: Parábola, 2004.
- FERNANDES, Sandra Regina. **Educação bilíngue para surdos: a escrita como segunda língua**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FERNANDES, Sandra Regina; MOREIRA, Maria Cristina. **A escrita acadêmica de surdos: práticas discursivas em contextos bilíngues**. Curitiba: Appris, 2020.
- FINAU, S. **Nível de sinalização parental e aquisição da escrita em surdos**. [S. l.]: [s. n.], 2008.
- GOMBERT, Jean Emile. **Metalinguistic development**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. **Transitivity in grammar and discourse**. *Language*, Washington, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.
- KARMILOFF-SMITH, Annette. **Beyond modularity: a developmental perspective on cognitive science**. Cambridge: MIT Press, 1997.
- LESSA, R. C.; COSTA, M. A. **Análise linguístico-discursiva da produção textual a partir do gênero notícia por alunos surdos**. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, 2020.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MORAIS, José. **A consciência fonológica e a aprendizagem da leitura**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin Fernanda. **Fundamentos da educação dos surdos**. Florianópolis: UFSC, 2006.
- PERLIN, Gladis. **Educação bilíngue avançada para surdos**. Florianópolis: UFSC, 2018.
- QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lislair. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto